



Recebido em: 04/05/2018

Aceito em: 30/05/2018

RESENHA: KUHN, Alvin Boyd. **Um renascimento para o cristianismo.** Tradução de Rodrigo Alva. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

Matheus dos Reis Gomes

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

<http://lattes.cnpq.br/2596415377539460>

Embora Cristo possa nascer mil vezes em Belém,
Mas não dentro de ti, tua alma será esquecida;
A cruz do Gólgota terá sido em vão erguida
A menos que a erga dentro de ti também.
Ângelo Silésio (1624-1677).

“De muitas regiões do campo religioso, ecoa hoje o apelo de uma nova era na interpretação da Bíblia” (KUHN, 2006, p.15). As palavras citadas acima por Alvin Boyd Kuhn, doutor em religião comparada, contextualizou-as a uma das propostas pouco pesquisadas academicamente: a hermenêutica bíblica em conjunto a crítica feita pela historiografia. A obra de Kuhn trata-se do esforço de um dos maiores nomes da pesquisa sobre a veracidade bíblica e histórica de Jesus Cristo. Ainda existem lacunas que precisam ser preenchidas por pesquisas sobre a veracidade histórica de Jesus, mas a proposta do autor foi ampliar algumas questões do sincretismo, e a partir de então, reformular a leitura do evangelho a partir destas interpretações. A pergunta que vem à tona surge diante da dúvida se Jesus continua ainda sendo apenas um homem ou se Jesus foi a personificação do Deus de Israel em figura humana, que segundo os relatos bíblicos, ressuscitou ao terceiro dia e trouxe a humanidade um novo sentido de vida. Tal nuance torna-o, no mínimo, passível de questionamentos e posições intrigantes sobre a sua veracidade, tanto do lado teológico do fato, que com isso o cristianismo se ocupou boa parte de sua história, quanto do lado histórico em si, que só no final do século XIX surge. Em virtude a relação histórica, *sine qua non*, em toda a sua obra, foi

muito sintetizada nos longos vinte e um capítulos. Mediante a tal implicação, podemos fazer a grande pergunta que corresponde um dos capítulos do livro de Kuhn: “Jesus, homem ou mito? ”.

Sabemos que as pesquisas no campo arqueológico, principalmente a partir do século XIX, estão desmistificando o mito de que “um certo galileu” não tenha existido de fato. O autor nos trouxe uma nova hermenêutica bíblica, como também uma excelente exegese distinguida a partir das recentes descobertas dos manuscritos do mar morto entre as décadas de 1940 e 1950. Kuhn buscou abarcar todas as dimensões entre as sagradas escrituras e o processo histórico da concepção do cânon bíblico.

No primeiro capítulo do presente volume, “*Reacendendo uma Lâmpada Antiga*”, o autor traz o questionamento sobre uma nova exegese bíblica, criticando a constituição do cânon judaico-cristão, postulando uma análise sobre historicidade bíblica no *corpus* das sagradas escrituras. O conhecimento baseado nas instruções sobre a veracidade do mito na antiguidade, o autor afirma que essas novas interpretações de uma exegese bíblica podem “ecoar hoje” uma nova inclinação para uma tendência do pensamento histórico-crítico da “gênesis” do cristianismo. Para tal método, o autor cita o descobrindo dos pergaminhos do mar morto deixados pelos essênios, e lançará a mão sobre eles; mas também, trará à tona, com maestria, um arcabouço histórico desde Filo de Alexandria – século I – com método alegórico para a exegese bíblica, até os descobrimentos do final do século XIX.

Posteriormente, no capítulo “*A descendência instável do Egito*”, as influências de uma herança egípcia na “suposta” construção do mito “Cristo Jesus”, caem por terra pelo desmembramento que cristianismo tomou a partir do nascimento de Jesus, ao presente fato que, na formulação de uma teologia extremamente complexa e gradual ao longo da história do cristianismo, a evidenciação e as provas de cristianismo a partir das cartas paulinas, se tornam a questão central na resolução do seu livro. Diante de tais “evidências” no mito do Cristo, Kuhn apelará também para religião judaica para servir de apoio a sua concepção sobre construção etimológica e filológica sobre a origem da palavra “Israel”, e que, supostamente na sua interpretação, tudo passaria de uma história bem constituída, mas apenas uma história sem veracidade. Logo, a divisão da palavra ficará da seguinte forma: “IS”, seria uma abreviação da divindade egípcia Ísis. “RA” viria – segundo ele – do rei do sol Rá; por fim, “EL” decorria do hebraico, que tem por seu significado singular a tradução de “DEUS”. Desta forma, “ISRAEL” é essa conjuntura da descendência da influência egípcia sob a interpretação das

palavras “mãe”, divindade “Is”, divindade Ra que foi a atribuída a “pai” e El, Deus em hebraico, ou seja, “mãe-pai-Deus” abarcaria a palavra Israel. Obviamente o autor não parte do pressuposto que Israel fosse uma nação ou tribo, e muito menos se refere a pessoa de Jacó.

Nos capítulos seguintes, a crítica é sob as pregações de Paulo aos Gregos. No título “*A ruptura entre Judeus e Gregos*”, o autor trabalha o viés das pregações de Paulo descritos nas sagradas escrituras, e deterá boa parte da sua argumentação sobre a propagação do cristianismo primitivo. Além disso, o autor abordará a fundamentação da filosofia helênica juntamente com conceito messiânico judaico em comparação com o conceito messiânico cristão, partindo das premissas que há grandes diferenciações entre tais conceitos e possíveis “novas” interpretações.

Destarte, virá “Uma nova orientação, não uma nova revelação”. “O propósito desta obra é auxiliar nesse processo de reavaliação, apontando a tocha da verdade que fora quase totalmente extinta, mas que deu ao cristianismo seu nascimento e sua genialidade” (KUHN, 2006, p.47-48). Portanto, neste capítulo, Alvin trará sobre a análise antropológica da religião, comprando-as com outras perspectivas filosóficas e até teológicas e, por fim, trabalha com conceituação da palavra religião e os seus “conceitos”. Além disso, nos capítulos seguintes, o autor não fugirá sobre a perspectiva psicológica frente à religião. A psicologia da religião será abordada em segundo plano, mas haverá menções e definições sobre até onde psicologia é alcançada com todo processo histórico da conceituação de Deus e as influências para a criação “suposta” de Deus por “mãos humanas” e vice-versa.

Podemos dizer que o capítulo “Jesus: Homem ou mito?”, é um dos capítulos centrais dos vinte e um longos capítulos da obra de Kuhn. O autor trabalha com maestria a suposta visão do judaísmo – como um todo – frente à Jesus, a figura do Cristo esperado pelos judeus, a qual os evangelhos afirmam ser o verbo encarnado.

Mas ao trabalhar a questão do messiânica nas duas perspectivas, a crucifixão, a “derrota” humana de Jesus de Nazaré, não sustenta, de nenhuma forma, o messias esperado, ou melhor, ainda esperado pelos judeus. Desta forma, “[...] a razão pela qual os judeus se recusaram a aceitar Jesus é precisamente a sua derrota” (KUHN, 2006, p.127). Assim, em função dos outros supostos “messias” que surgiram em âmbito judaico, como se comprovaria a veracidade messiânica de Deus crucificado, “morto” pela sua criação, “enquanto que a fé que viveu na esperança de ver seu rei nesse trono suportar a angústia de perseguição impiedosa e derrota por dois mil anos” (KUHN, 2006, p.127). Logo, o problema da

teodiceia vem à tona, mas não só ela, mas a significação do sofrimento que a partir do cristianismo tomou um outro contexto, justamente pelo fato do próprio Deus ter chorado, sofrido e humilhado.

Por fim, a perspectiva de Alvin é bastante clara no decorrer do seu livro, justamente ao partir do pressuposto que o nascimento do cristianismo passou por inúmeras influências de outras seitas e mitologias ao longo da história. Mas a crítica sobre o seu livro é bastante relevante, pois a teoria sincrética do autor apresenta questões que a maioria das afirmações sobre a historicidade de Jesus como uma lenda caiu por terra, principalmente quando no final do século XIX as pesquisas acadêmicas focaram justamente para a pesquisa sobre o Galileu. A presente obra é recomendada para áreas de ciências humanas, principalmente para os departamentos de história, teologia, ciência da religião, filosofia e afins. Entender que, independente da crença na veracidade sobre a história de Jesus é imprescindível dizer que pode passar séculos e mais séculos, que ainda haverá o brilho nos olhos dos pesquisadores ao falar de Jesus, para muitos um homem qualquer nascido em Belém, para outros, o próprio Cristo, o filho do Deus vivo.